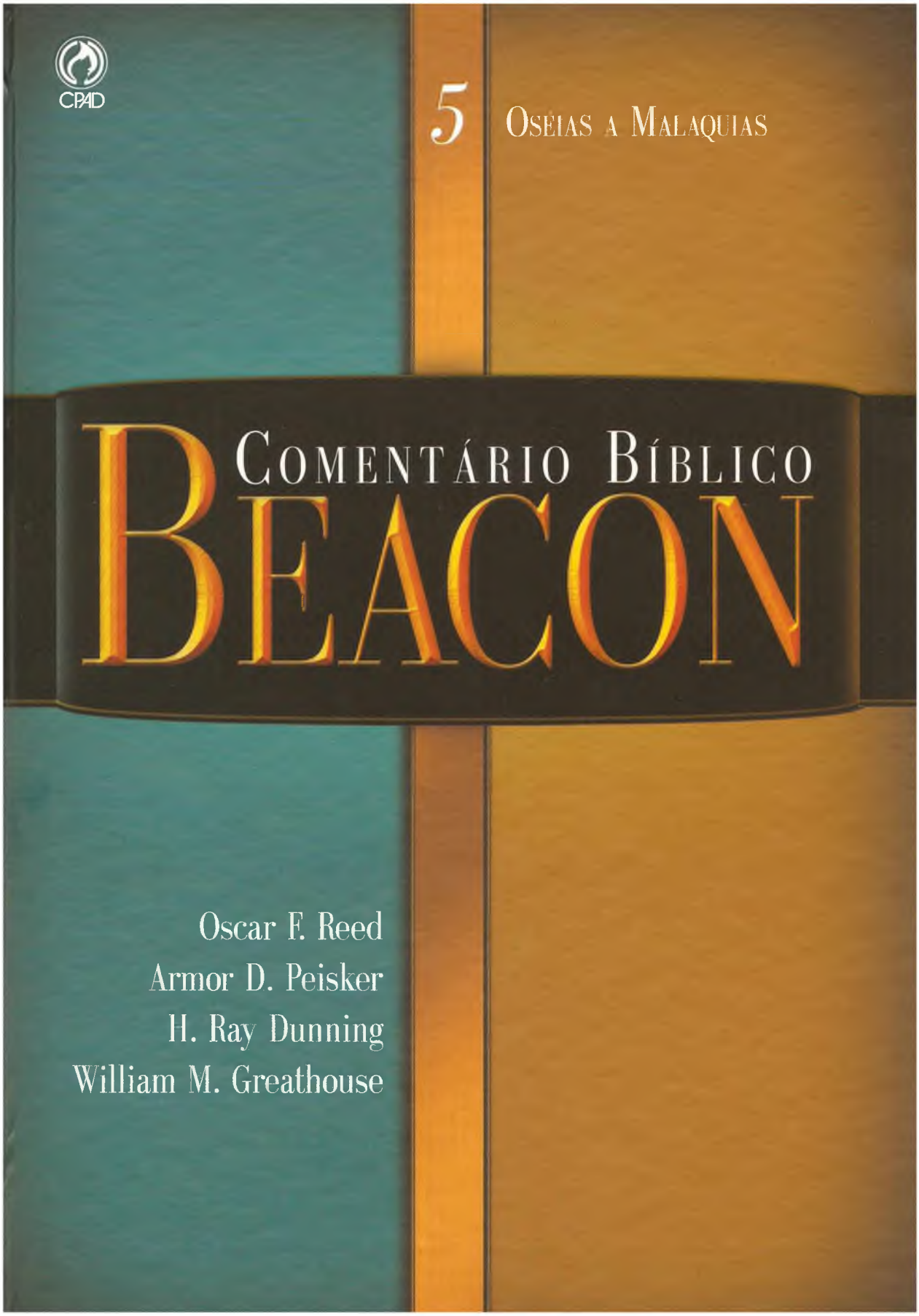

CPAD
5
Oseias a Malaquias
Comentário Bíblico
BEACON
Oscar F. Reed
Armor D. Peisker
H. Ray Dunning
William M. Greathouse

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

OSÉIAS A MALAQUIAS

5



O Livro de
AGEU

H. Ray Dunning

Introdução

Israel passara por um longo período de humilhação e ansiedade espiritual nos 70 anos do exílio antes do ministério de Ageu. A fim de entendermos os problemas enfrentados por este profeta do pós-exílio, precisamos conhecer algo destes anos de provação e os acontecimentos perto do fim, que resultaram na volta dos judeus para Canaã. [1]

A. O Cenário Histórico

Pelo decreto de Ciro, o conquistador persa do Império Caldeu, o cativeiro na Babilônia chegou ao fim. Pelo menos os judeus já não estavam proibidos de voltar à pátria. Este rei fez uma declaração positiva, ao dar-lhes a permissão de voltar para reconstruir a nação e restaurar a adoração. Muitos judeus estavam tão bem instalados na Babilônia que não tinham interesse em voltar. Mas houve um grupo de uns 50 mil que, sob a liderança de Zorobabel, voltou com o coração cheio de esperança. "A comitiva seleta que acompanhou Zorobabel deve ter sido formada dos membros mais sérios, religiosos e empreendedores da nação cativa".[2]

Contudo, devido à oposição que enfrentaram na pátria, principalmente dos vizinhos samaritanos, não puderam concluir os planos de reedificação do Templo e reconstrução da cidade.

Com a subida ao trono persa de Dario Histaspes, o decreto que interrompera os trabalhos foi revisado e revertido. Então, "os profetas Ageu e Zacarias exortaram veementemente seus compatriotas a reiniciarem os trabalhos. [...] O empenho de reconstrução do Templo foi adequadamente retomado".[3] Este novo ímpeto ocorreu após um período de uns 17 anos, durante os quais os trabalhos ficaram parados. É neste plano de fundo da situação histórica que devemos ver e entender o ministério de Ageu.

B. O Profeta

Pouco sabemos sobre a vida pessoal de Ageu. O nome significa "festivo" ou, se for abreviação de Hagias (1 Cr 6.30), "festas de Jeová".[4] Diferente de Sofonias, não há genealogia ligada ao seu nome e, fora do seu livro, é mencionado apenas em Esdras 5.1 e 6.14.

O principal trabalho de Ageu, junto com Zacarias, era promover a retomada da restauração do Templo. "Quase poderíamos dizer: 'Sem Ageu não haveria Templo'".[5] Os expositores concordam que já era idoso quando profetizou. Esta dedução é extraída de 2.3, a qual indica que ainda se lembrava do Templo de Salomão, que fora destruído havia quase 70 anos.

A tradição talmúdica alista Ageu, Zacarias e Malaquias como fundadores de "A Grande Sinagoga", uma reunião de estudiosos judeus e rabinos que surgiu nos dias de Esdras. Vários salmos na Septuaginta são atribuídos a Ageu. Junto com estes dois profetas, é contado entre os últimos mensageiros dos oráculos divinos. O Talmude declara que com sua morte o Espírito Santo saiu de Israel.[6]

C. O Livro

Esta profecia é composta de quatro mensagens pregadas por Ageu. Os "sermões" são cuidadosamente datados e todos foram entregues no curto período de quatro meses. Cada um era um passo no processo de animar Zorobabel e os fiéis a terminar o Templo, e cada um foi dado num período em que os trabalhos atrasaram. As quatro mensagens formam o esboço natural do livro.

Esboço

I. **Chamada à Ação**, 1.1-15

- A. Título, 1.1
- B. Causa do Atraso, 1.2
- C. Crítica ao Atraso, 1.3-6
- D. Desafio à Ação, 1.7-11
- E. Reação ao Desafio, 1.12-15

II. **Chamada à Motivação**, 2.1-9

- A. O Atraso nos Trabalhos, 2.1-5
- B. A Profecia, 2.6-9

III. **Chamada à Paciência**, 2.10-19

IV. **Chamada à Fé**, 2.20-23

SEÇÃO I

CHAMADA À AÇÃO

Ageu 1.1-15

A. TÍTULO, 1.1

Este versículo apresenta os dados básicos para o estabelecimento cronológico e histórico da profecia. Era o **ano segundo do rei Dario**. O ano seria 520 a.C., e Dario era o rei da Pérsia (ver introdução). A palavra do Senhor veio ao profeta **no primeiro dia do mês**, que é o mês de setembro – o **sexto mês** no calendário judaico conhecido por elul. [1]

O **primeiro dia do mês**, lua nova, era feriado religioso e dia de peregrinação religiosa (cf. 2 Rs 4.23; Am 8.5). Por conseguinte, haveria grande multidão para ouvir a mensagem do profeta. Esses judeus seriam mais sensíveis ao fato de não terem reconstruído o Templo.

A mensagem foi especificamente enviada a **Zorobabel, filho de Sealtiel**, e a **Josué, filho de Jozadaque, o sumo sacerdote**. O profeta dirigiu seu discurso aos homens fundamentais da comunidade, na presença dos adoradores reunidos. Proclamou-lhes uma chamada retumbante à ação. O texto de 1 Crônicas 3.19 diz que Zorobabel é filho de Pedaías. O levirato é, talvez, a explicação para essa diferença. Por um lado, **Zorobabel** era filho natural de Pedaías, e por outro, filho legal de **Sealtiel** (cf. CBB, vol. II, p. 524). Zorobabel era judeu, da casa de Davi, descendente direto deste rei, visto que seu avô era filho de Joaquim (Jeconias; 1 Cr 3.16,17). Esta linhagem alimentou a esperança em certos corações de que seria o rei que se assentaria no trono de Davi, para cumprir assim a expectativa messiânica. Claro que tais esperanças eram infundadas, pois Zorobabel não era rei. Seu cargo era governador, tendo sido nomeado pelo rei persa para ser o chefe civil da comunidade.

Josué, o primeiro sumo sacerdote depois da restauração, voltou do exílio com o primeiro contingente de exilados e, assim, tornou-se o chefe religioso da comunidade. Seu nome aparece freqüentemente no livro de Ageu. Seu pai, **Jozadaque** (ou

"Jeozadaque", ECA; NVI), foi o sumo sacerdote levado cativo para a Babilônia (1 Cr 6.15). Seu avô, Seraías, foi o sumo sacerdote que Nabucodonosor matou quando destruiu Jerusalém em 586 a.C. (2 Rs 25.18-21).

B. CAUSA DO ATRASO, 1.2

Os judeus esperaram o momento certo para reconstruir o Templo; diziam que ainda não era o momento. Erigiram o altar e fizeram um ritual simples. Sob as circunstâncias vigentes, acharam que isso bastava. Pelo visto, deixaram de terminar a reconstrução do Templo em virtude de uma interpretação meticulosa da menção de Jeremias aos 70 anos (Jr 25.11); julgavam que o período ainda não se completara.[2]

Outra razão sugerida para a interrupção das obras era que o Senhor não os abençoara com boas colheitas. Este fato, segundo eles, indicava que Deus ainda estava irado com eles; portanto, **não veio ainda o tempo**. Deus, conforme este ponto de vista, não tinha criado as condições favoráveis para a reconstrução.

O medo que tinham dos samaritanos era, talvez, mais outra razão para a falta de interesse em renovar o empenho em reconstruir o Templo. Este povo já se opusera à obra sob o pretexto de que os judeus lhes negaram a permissão de participar na reconstrução. Este ressentimento se evidenciou nos esforços bem-sucedidos dos samaritanos em impedir que os judeus conseguissem madeira para a construção. Este impedimento acabou quando as obras construtivas do Templo pararam. Ao mesmo tempo, nenhum samaritano objetou que os judeus construíssem suas casas (ver 1.4). Mas retomar os trabalhos de reconstrução do Templo levariam os samaritanos a indubitavelmente se oporem de novo.[3]

C. CRÍTICA AO ATRASO, 1.3-6

Enquanto negligenciavam o Templo pelas razões discutidas acima, os exilados que voltaram tinham achado tempo e condição convenientes para construir as próprias casas. Estava na hora de falar a **palavra do SENHOR** (3). Além disso, os judeus tinham construído suas residências com luxo e extravagância. **Estucadas** (4) significa "apaineladas" (ARA; cf. "casas de fino acabamento", NVI). Fizeram o acabamento das paredes das casas com madeiramento caro. Esta prática era considerada luxuosa até para um rei (Jr 22.14). Contudo, diziam que não tinham recursos para restaurar a casa do Senhor. Houve quem sugerisse que os judeus usaram para suas casas a madeira de cedro reservada para o Templo. Em contraste com suas casas, o Templo jazia em ruínas. Como disse Marcus Dods: "O conforto os condenou. Dispunham-se de recursos, gozavam de lazer e sentiam-se protegidos para mobiliar as casas sozinhos; não seriam as circunstâncias e condições de vida que os impediriam de reedificar a casa de Deus".[4]

Agora o Senhor faz um pedido aos judeus: **Aplicai o vosso coração aos vossos caminhos** (5). Esta é frase característica que ocorre quatro vezes no livro e é tradução literal. Porém a tradução melhor é: "Considerai o vosso passado" (ARA). Quais são os resultados desta negligência trágica? São cinco as conseqüências: "Plantais muito, mas colheis pouco; comeis, mas não o suficiente para matar a fome; bebeis, mas não dá para

saciar-vos; vestis-vos, mas ninguém se aquece; e o que recebe salário, recebe-o para pô-lo num saco furado" (6, VBB; cf. ARA). Não há prosperidade na comunidade; todos os empreendimentos fracassam. Ao deixarem de honrar o Senhor e gastarem forças e posses para proveito próprio, operam na lei dos rendimentos decrescentes. Positivamente, Ageu afirma: "Compensa servir a Deus". A figura de linguagem final é expressiva. Quem espera até que as circunstâncias econômicas melhorem para então honrar a Deus com seus bens está fadado à derrota.

Ageu atribui todas essas conseqüências ao desgosto de Jeová pela razão de os judeus não terem reconstruído o Templo.

D. DESAFIO À AÇÃO, 1.7-11

No versículo 7, temos novamente a declaração retumbante: **Assim diz o SENHOR dos Exércitos**, acompanhada pelo mesmo desafio: **Aplicai o vosso coração aos vossos caminhos**. O significado de versículo 8 é: "Movei-vos desta indolência e indiferença para irdes imediatamente às montanhas ajuntar madeira para a tarefa". As pedras do Templo de Salomão ainda estariam espalhadas pelo local do santuário, mas o madeiramento teria sido queimado. Se os judeus passassem à ação, o favor de Deus para eles e o Templo se manifestaria. Esta é a gloriosa promessa do Senhor. A frase: **E eu serei glorificado** (8), está incompleta, porque omite uma letra do texto hebraico que representa o algarismo cinco. Os judeus viam nisto um mistério e com base nisto argumentavam que, apesar da glória deste segundo Templo, ainda faltavam cinco coisas. Não há perfeito acordo sobre quais são estes objetos, mas esta é a lista habitual: 1) A arca e o propiciatório, 2) o *shequiná* ou a nuvem da glória no lugar santíssimo, 3) o fogo que desceu do céu, 4) o Urim e o Tumim, e 5) o espírito de profecia.

No versículo 9, o profeta repete a mensagem de Deus relativa à causa espiritual da pobreza. Foi a atividade do Senhor em reação à falta dos judeus que lhes trouxera escassez. Ageu sabe que a esperança do povo era grande: **Olhastes para muito** (9). Esta expectativa estava baseada nas promessas encontradas principalmente em Isaías 40 a 66. O profeta destacou também que estas bênçãos ainda não tinham se concretizado, e, por conseguinte, o povo estava desiludido e desanimado. Mas ressalta que o povo é que errara: **Minha casa... está deserta, e cada um de vós corre à sua própria casa**. "É por isso que eu não deixo os céus darem chuva e as suas colheitas são tão fracas. Na verdade, eu já ordenei que venha uma seca sobre a terra, até mesmo sobre as montanhas tão férteis. Uma seca que vai fazer murchar os cereais, as uvas e azeitonas e todas as outras plantações. Uma seca que vai deixar morrer de fome vocês e o gado, que vai destruir tudo aquilo que vocês trabalharam tanto para conseguir" (10,11, BV).

E. REAÇÃO AO DESAFIO, 1.12-15

Os dois líderes, **Zorobabel** e **Josué** (ver comentário em 1.1), e o **resto do povo** (12) obedeceram à **voz do SENHOR**. A maioria dos comentaristas entende que o **resto do povo** é o remanescente junto com os líderes, ou seja, o pequeno grupo de pessoas que

voltou do cativeiro em comparação com a população anterior. **Resto** (ou remanescente) tornou-se termo técnico para referir-se à parte da nação que voltou do cativeiro babilônico.

Os judeus "tiveram muito medo do Senhor" (12, VBB) e imediatamente puseram-se a trabalhar na reconstrução do Templo. Assim que os trabalhos reiniciaram, o profeta anunciou uma promessa de Deus: **Eu sou convosco** (13). **O embaixador** ("mensageiro", NVI; "enviado", ARA) **do SENHOR, falou ao povo, conforme a mensagem do SENHOR**. É a obra de Deus; portanto, o Senhor fará mais que ficar por perto como espectador interessado; tornar-se-á participante ativo na tarefa. Esta garantia tinha radicação histórica, pois as palavras fariam o povo lembrar que Deus estivera presente com os antepassados judeus (Gn 28.15; Êx 3.12; Js 1.5). "Esta promessa curta, mas totalmente suficiente, que às vezes se alternava com a expressão correspondente de fé: 'Deus conosco', ou com o registro do seu cumprimento: 'Jeová estava com ele', brilha como estrela radiante em tempos de trevas e necessidade aos santos em particular e à Igreja em geral no Antigo Testamento".[5]

A indiferença foi descontinuada e o desânimo se transformou em intrepidez quando os judeus **vieram e trabalharam na casa do SENHOR dos Exércitos, seu Deus** (14). Três semanas depois da profecia de Ageu, a pedra fundamental foi posta (cf. v. 1 e v. 15). Nesse entretempo, dedicaram-se provavelmente a preparar o terreno e retirar o entulho que se acumulara no local do Templo.

Seção II

CHAMADA À MOTIVAÇÃO

Ageu 2.1-9

A segunda mensagem transmitida pelo profeta ocorreu após um lapso de aproximadamente um mês. Pelo visto, os trabalhos estavam atrasados. A ocasião do discurso se dera, como na primeira vez, numa reunião pública. A data era o último dia da Festa dos Tabernáculos (Lv 23.33-36,39-43). O motivo para a redução da velocidade dos trabalhos era que o santuário tomara forma suficiente para as pessoas o compararem com o Templo de Salomão, ao demonstrar uma diferença desanimadora. Viram que a construção atual era pobre em substituição ao edifício magnífico que estivera anteriormente no monte Sião. Foi para combater tal desânimo que o profeta se manifestou. "A nova palavra de Ageu é de mero incentivo. A consciência dos judeus fora atiçada pelo primeiro discurso, mas agora precisavam de esperança".[1]

A. O Atraso nos Trabalhos, 2.1-5

As palavras do versículo 3 espelham o desânimo do povo e sua causa. Claro que só pequena proporção do povo vira a glória do Templo de Salomão. A maioria dos estudiosos acredita que as palavras deste versículo indicam que Ageu estava entre este grupo. Nesta ocasião, o profeta seria idoso, visto que o Templo fora destruído 70 anos antes.

Pusey faz uma descrição notável da magnificência do Templo de Salomão, que ressalta o contraste com esta casa simples de adoração:

> Além da riqueza das esculturas no primeiro Templo, tudo que lhe era pertinente era revestido de ouro. Salomão revestiu o altar inteiro dentro do oráculo, os dois

> querubins, o chão da casa, as portas do Santo dos Santos e seus ornamentos; os entalhes de querubins e palmeiras, cobriu de ouro amoldado na madeira entalhada; o altar de ouro e a mesa de ouro, sobre o qual ficava o pão da proposição; os dez candelabros de puro ouro, com as flores, as lâmpadas e os tenazes de ouro; as taças, os espevitadores, as bacias, as colheres e os incensários de puro ouro, e as dobradiças de puro ouro para todas as portas do Templo. A varanda que ficava em frente da casa, de 20 côvados de largura por 120 de altura, foi revestida de ouro puro por dentro; a casa brilhava com pedras preciosas. [...] Foram empregados 600 talentos de ouro para revestir o Santo dos Santos. As câmaras superiores também eram de ouro, o peso dos pregos era de 50 siclos de ouro.[2]

Claro que a comunidade pobre dos exilados que voltaram não estaria preparada para duplicar semelhante edifício. Contudo, Ageu se dirige a **Zorobabel, Josué** e o **povo** (4), ao conclamá-los a se esforçarem ("sê forte", ARA). Estas palavras estariam cheias de significado especial quando o povo se lembrasse da história registrada no primeiro capítulo de Josué. Naquela ocasião, Deus falara com o que acabara de ser escolhido como sucessor de Moisés e líder de Israel (Js 1.6). Nesta também, diante da grande tarefa à mão, o Senhor dera a mesma exortação para fortalecer e encorajar: **Esforçai-vos** ("sê forte", ARA).

Talvez alguém critique Ageu por incentivar as pessoas a empreender a tarefa segundo as próprias forças. Mas trata-se de interpretação errônea. Há dois lados da mensagem: a) As pessoas têm de se esforçar e trabalhar (4; "sê forte" e "trabalhai", ARA); mas ao fazerem, b) Deus promete: **Eu sou convosco**. Para os israelitas, a garantia mais forte da presença e poder de Jeová em ajudar era que o Senhor é o mesmo Deus que os libertara do **Egito** (5). Ageu, como a maioria dos profetas, lembra ao povo que Jeová fizera um concerto com eles, relação que jamais não quebrará.

"É surpreendente que a presença do Espírito seja usada como equivalente para o cumprimento do concerto da parte de Deus; a idéia impregna o Novo Testamento".[3]

Em 2.1-5, vemos "como enfrentar circunstâncias desanimadoras": 1) Não seja tolo – enfrente os fatos, 3; 2) Seja forte e corajoso, 4; 3) Relembre as promessas de Deus e a ajuda prestada em situações difíceis, 5a; 4) Preste atenção à promessa e reaja ao encorajamento de Deus: **Eu sou convosco, diz o SENHOR dos Exércitos... o meu Espírito** habita **no meio de vós; não temais**, 4,5 (A. F. Harper).

B. A PROFECIA, 2.6-9

Nesta passagem, temos a profecia que serviu de base de ânimo para as pessoas. **Ainda uma vez, daqui a pouco, e farei tremer os céus, e a terra, e o mar, e a terra seca** (6). Aqui, como ocorre tantas vezes na profecia, o futuro é condensado. Esta é uma visão de "audácia incrível que revela a fé invencível do profeta".[4]

Certos expositores entendem que as palavras: **Ainda uma vez... farei tremer... a terra**, dizem respeito ao grande terremoto ocorrido no monte Sinai, quando Deus iniciou o concerto. De certa forma, o Senhor manifestará sua glória uma vez mais e levará todas as nações a tremer em sua presença.

Muitos pensam que os cataclismos que Ageu prevê são cogitações das revoltas que então ocorriam no mundo persa durante o primeiro reinado de Dario. O profeta vê que estes motins são prelúdios da era messiânica. O quadro profético indicava que a era messiânica seria precedida por "aflições messiânicas".[5]

Neste caso, a era messiânica e sua glória estão associadas com o Templo. Ainda que estes exilados empobrecidos não tenham acesso a riqueza suficiente para igualar o Templo de Salomão, Deus é o possuidor de toda a **prata** (8) e de todo o **ouro**.

Os comentaristas concordam que **o desejado de todas as nações** (7), traduzido no singular, é tradução enganosa, visto que o verbo está no plural e exige o sujeito no plural. J. McIlmoyle expressa a posição conservadora com muita clareza: "Muitas são as pessoas, sobretudo aquelas que encontraram Aquele que é a satisfação de todos os desejos, que gostariam de seguir os antigos expositores judeus e ver aqui uma referência pessoal ao Messias. Porém por mais grandiosa que fosse a verdade assim expressa, a dificuldade em traduzir essas palavras desse jeito afigura-se insuperável". [8]

A Septuaginta traduz assim: "As coisas escolhidas"; ou pode ser traduzido por: "As coisas desejáveis de todas as nações" (cf. ARA). A referência é aos tesouros caros (cf. NVI; NTLH) que serão trazidos para embelezar o Templo (cf. Is 60.5: "As riquezas das nações a ti virão").

O profeta continua sua profecia de encorajamento e faz mais duas predições: **A glória desta última casa** (o Templo em reconstrução) **será maior do que a da primeira** (o Templo de Salomão), e Deus dará **paz** (9).

Talvez o que engrandecerá o Templo sejam as esplêndidas ofertas de ouro e prata trazidas pelas nações. Mas esta idéia é bastante inadequada diante do fato de que o profeta reconhece que a verdadeira glória do Templo é a presença de Deus. Outrossim, o significado textual deste versículo não insinua duas casas, mas uma, em que a última é continuação da primeira. Esta verdade era literalmente concreta, visto que certas paredes que restaram do antigo Templo tornaram-se parte do novo. A tradução literal diz assim: "A última glória desta casa será maior que a primeira".

"Em primeiro lugar", diz Perowne, "a glória aqui prometida é obviamente material: as coisas desejáveis, os presentes preciosos de todas as nações". Mas está indubitavelmente mais próximo da verdade quando acrescenta: "Mas inclui a glória espiritual sem a qual, aos olhos de Deus, o esplendor material é inaceitável e sem valor".[7]

Com a segunda promessa, o povo de Deus recebia a certeza da segurança em meio às convulsões de importância fundamental entre as nações.

Mas estas profecias se cumpriram? Marcus Dods observou que se cumpriram literalmente, visto que os recursos para a construção não faltaram. Mas este não constituiu o maior cumprimento. O tributo das nações envolvia o reconhecimento de que este era o "centro visível do Reino de Deus e o lugar da sua manifestação".[8]

Seção III

CHAMADA À PACIÊNCIA

Ageu 2.10-19

Nesta seção, Ageu faz algumas perguntas aos sacerdotes. A mensagem veio três meses depois do início dos trabalhos e dois após a profecia anterior. Era outro meio de encorajar as pessoas ao trabalho, a fim de mostrar-lhes a necessidade de serem pacientes. O título da mensagem poderia ser "O Poder do Imundo" (G. A. Smith) e baseia-se no julgamento que os sacerdotes fizeram concernente às perguntas de Ageu. O profeta pede que eles "resolvam esta questão" (11, RSV). O original hebraico diz: "Pergunte à Torá". Neste caso, era uma decisão ("resolução", "ordem", "instrução") oral prevista pelo livro de Deuteronômio na eventualidade de não haver instrução escrita (Dt 17.8-13). Estas decisões ("sentenças") eram dadas na forma de interpretação fundamentada na matéria tradicional e ganhou o significado de "texto de normas técnicas". [1]

Ageu fez duas perguntas: A peça de roupa que acondicionou a **carne santa** torna santo o que tocar? **E os sacerdotes, respondendo, diziam: Não** (12). A segunda pergunta era: Aquilo **que se tinha tornado impuro pelo contato com um corpo morto** contamina o que tocar? Os sacerdotes responderam. A coisa **ficará imunda** (13).

O propósito das perguntas é mostrar que é muito mais fácil ficar imundo do que se tornar limpo – a pecaminosidade é mais contagiosa do que a santidade. A suma do argumento é que aquilo que era cerimonialmente santo não podia consagrar o que tocasse. Pelo contrário, o que era cerimonialmente imundo contaminava a pessoa em contato com isto e tudo o que ela tocasse também ficava imundo (Nm 19.11-22).

No versículo 14, Ageu faz a aplicação do ensinamento. **Este povo** refere-se aos judeus. **Tudo o que ali oferecem** indica especificamente o altar que fora erigido. Os judeus pensavam que o ritual ministrado na restauração do altar removia as negligências e faltas cometidas. Mas Ageu prova que as coisas não são assim. As atividades que os judeus fizeram antes da construção do altar os contaminaram até o ponto de tornar imunda as suas ofertas.

É fácil ficar contaminado e difícil tornar-se limpo. Esta é a lição das respostas dos sacerdotes. As pessoas não devem pensar que a mera mudança de direção as livre das conseqüências de seus erros. O pecado pode ser perdoado, mas as conseqüências às vezes sempre estorvam. Por isso que era necessária a exortação à paciência. O povo tinha de lutar contra as dificuldades que o pecado criara. "Se o contato com uma coisa santa tem somente um efeito leve, mas o contato com uma coisa imunda tem um efeito muito maior, então os esforços em reconstruir o Templo têm de ter menos influência boa na condição dos judeus do que a influência má de toda a dedicação anterior voltada para si mesmos e os labores seculares".[2]

Após apresentar os princípios do governo de Deus e aplicá-los às pessoas, Ageu passa a ilustrar a lição. Ele chama atenção aos 17 anos que passaram desde o retorno da Babilônia, com a seqüência de estações com colheitas ruins. Deus ferira a lavoura com **queimadura** (17) e **ferrugem**, duas doenças preditas por Moisés como castigo pela desobediência (Dt 28.22). A **saraiva** também fora destrutiva para a videira.

Desde o dia em que se fundou o Templo do SENHOR (18), ou seja, desde que os judeus começaram a reconstruir, ainda não havia sinal natural de que a situação mudaria. Estendemos que esta situação ainda era conseqüência dos resquícios da impureza, conforme indicam as respostas dos sacerdotes. Mas agora Deus quer mudar as circunstâncias do povo. Esta paráfrase dá uma interpretação clara dos versículos 18 e 19: "Mas agora, prestem atenção nisso: A partir de hoje, o 24º dia do mês [o dia 24 de quisleu, que corresponde a princípios de dezembro], dia em que foram colocados os alicerces do templo, eu os abençoarei. Notem bem que lhes faço esta promessa antes mesmo de vocês começarem a levantar a estrutura do Templo, antes de terem colhido os cereais e antes de as uvas, os figos, as romãs e as azeitonas surgirem. A PARTIR DE HOJE EU OS ABENÇOAREI" (BV).

Seção IV

CHAMADA À FÉ

Ageu 2.20-23

A mensagem final de Ageu é dirigida somente a **Zorobabel** (21) e foi entregue no mesmo dia que o sermão precedente. Neste discurso, o profeta entende que este governador é antecessor e tipo do verdadeiro Rei dos judeus. Para Zorobabel e – por meio dele – para a nação que representava, Deus faz uma promessa graciosa de segurança e preferência.[1]

Ageu vê a destruição do **trono dos reinos** (22; as potências mundiais), e repete a profecia de 2.6: **Farei tremer os céus e a terra** (21). Neste rebuliço, a posição de Zorobabel permanecerá segura e Deus firmará seu representante de confiança.

Zorobabel será o **anel de selar** (23) de Deus. Era um anel gravado em alto ou baixo-relevo com o nome do dono, que o guardava com cuidado extremo. Usava-se para imprimir um selo de autenticação, e tornava-se, então, símbolo de autoridade. Às vezes, um monarca oriental o dava para um ministro importante como sinal de confiança e autoridade (cf. Gn 41.42). A liderança de Zorobabel trará a marca característica da autoridade divina.

"As aspirações messiânicas que dantes estavam ligadas ao reino davídico, Ageu as transfere a Zorobabel, que, em virtude desta posição nomeada, torna-se um tipo de Cristo".[2]

Muitas pessoas devem ter alimentado altas esperanças de que Zorobabel era de fato o rei messiânico, pois em nome do Senhor o profeta lhe fala: Eu **te escolhi**. Mas, como observa G. A. Smith, este anel de sinete de Jeová (Zorobabel) não foi reconhecido pelo mundo. Pelo visto, não despertou, sequer, a mínima atenção. Na realidade, o que temos aqui é a reafirmação da esperança messiânica judaica de um libertador divino proveniente da casa de Davi, que se assentaria no trono de Davi. Esta grande esperança atingiu o apogeu com o Filho de Davi – Jesus Cristo. O seu governo se elevará acima dos reinos caídos deste mundo e o seu trono será estabelecido para sempre. Amém.

Notas

INTRODUÇÃO

[1]Para inteirar-se de um relato curto de todo o período, ver W. T. Purkiser *et. al.*, *Exploring the Old Testament* (Kansas City, Missouri: Beacon Hill Press, 1957), pp. 361-369.

[2]Blaikie & Matthews, *A Manual of Bible History* (Nova York: The Ronald Press, 1940), p. 282.

[3]*Ib.*, p. 283.

[4]F. W. Farrar, *The Minor Prophets* (Londres: James Nisbet & Company, s.d.), p. 187.

[5]Eli Cashdan, "Hagai", *The Twelve Prophets*, editado por A. Cohen (Londres: The Soncino Press, 1948), p. 253.

[6]*Ib.*, p. 254.

SEÇÃO I

[1]Cashdan, *op. cit.*, p. 255.

[2]*Ib.*, p. 256.

[3]G. A. Smith, "Haggai", *The Expositor's Bible*, editado por W. Robertson Nicoll (Nova York: A. C. Armstrong & Son, 1896), p. 235.

[4]Marcus Dods, *The Post-Exilian Prophets* (Edimburgo: T. & T. Clark, 1881), *ad. loc.*

[5]T. T. Perowne, "Haggai, Zechariah and Malachi", *The Cambridge Bible for Schools and Colleges*, editor geral J. J. S. Perowne (Cambridge: University Press, 1893), p. 31.

SEÇÃO II

[1]G. A. Smith, *op. cit.*, p. 241.

[2]Citado em Perowne, *op. cit.*, p. 34.

[3]Dods, *op. cit.*, p. 53.

[4]John E. McFadyen, "Haggai", *Abingdon Bible Commentary*, editado por Frederick Carl Eiselen *et al.* (Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1929), p. 817.

[5]Millar Burrows, *An Outline of Old Testament Theology* (Filadélfia: The Westminster Press, 1946), pp. 195ss.

[6]J. McIlmoyle, *The New Bible Commentary*, editado por Francis Davidson *et al.* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1953), p. 747.

[7]Perowne, *op. cit.*, p. 39.

[8]Dods, *op. cit.*, p. 54.

SEÇÃO III

[1]Driver, *op. cit.*, p. 163.

[2]G. A. Smith, *op. cit.*, p. 249.

SEÇÃO IV

[1]Perowne, *op. cit.*, p. 45.

[2]Driver, *op. cit.*, p. 169.

Comentário Bíblico Beacon

5

Oséias a Malaquias

O *Comentário Bíblico Beacon* traz uma interpretação abrangente da Bíblia Sagrada elaborada por 40 teólogos evangélicos conservadores. São 10 volumes, cinco para o Antigo Testamento e cinco para o Novo.

Em cada livro bíblico são comentados versículos de forma expositiva, exegética e sempre com uma sugestão homilética, o que torna o *Beacon* particularmente útil para pregadores e professores da Escola Dominical. Mas também ele tem uma característica devocional que faz dele uma obra cativante e indispensável a todos os crentes que desejam estudar a Palavra de Deus.

Beacon tem erudição teológica, todavia num tom equilibrado na sua interpretação e no seu objetivo inspiracional. Seu formato é atraente e prático.

Seus comentaristas e editores acreditam que esta obra é de grande valor para todos que buscam descobrir as verdades profundas da Palavra de Deus, que "subsiste eternamente".

Oscar F. Reed
Armor D. Peisker
H. Ray Dunning
William M. Greathouse

ISBN 85-263-0689-8
9 788526 306899